

A SUSPENSÃO DA PALAVRA*

Pedro de Souza**

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que visa examinar discursivamente o problema da expressão do sujeito na história do movimento de afirmação homossexual na década de 1980. A pesquisa consiste na análise da correspondência enviada ao Grupo de Afirmação Homossexual (Somos), principal agremiação de ativistas que atuou pela liberação e afirmação das identidades homossexuais.

O movimento *gay* é tecido por um discurso de afirmação pautado pelo ideal identitário (MacRae, 1989). Mas o peso da identidade sexual socialmente condenável provoca uma reação contrária nos indivíduos que adotam práticas homossexuais. Estes, ao serem incitados a falar publicamente de si enquanto homossexuais, adotam uma *política de silêncio* como forma de resistência. Resistem a dobrar-se e a assujeitar-se ante uma identidade sem garantias de legitimação.

Nesse contexto, manter o silêncio não significa calar, mas antes produzir e administrar uma economia de expressão. O indicador mais evidente desse aspecto é a problematização do com quem falar, onde e de que forma. Coloca-se aqui o problema da construção de estratégias de interlocução que marquem precisamente os limites do dizível e do não dizível. Por isso, o mote da investigação é examinar sob que condições de possibilidade a estrutura do relato epistolar pode adotar a forma de um discurso do privado no contexto das lutas políticas pela afirmação homossexual.

A correspondência enviada ao Somos configura-se, no campo discursivo da afirmação homossexual, como o lugar do cruzamento entre dois espaços de discurso – o do Grupo Somos, na sua inserção institucional e pública, e o das cartas, na sua dimensão privada de exercício da subjetividade em conexão com a prática homossexual.

*Este artigo é fruto de uma pesquisa que só foi possível graças ao apoio científico e financeiro da FAPESP e à orientação dedicada de Eni P. Orlandi.

**Pedro de Souza é professor no Departamento de Linguística da PUC-SP e doutorando em Linguística pela Unicamp.

Certamente é possível observar como determinados mecanismos lingüísticos de enunciação, tomados como pontos de delimitação entre dois espaços discursivos, manifestam o limite do que é exterior ao discurso do privado tecido nas cartas. Recorro aqui àqueles fatos de linguagem que Jacqueline Authier (1984) concebe como pontos de heterogeneidade constitutiva, ou seja, manifestações lingüísticas pontuais da exterioridade na qual se produz o sentido das palavras no plano interno do discurso. O conceito de heterogeneidade remete à implosão do paradigma da unidade subjetiva e semântica que sustenta a coerência discursiva. Num mesmo texto, são múltiplos os sujeitos e os sentidos que orientam a interpretação.

Neste artigo, pretendo, a partir da análise de uma das cartas do *corpus* da referida pesquisa, refletir sobre um mecanismo lingüístico de enunciação que agencia formas de expressão de si, especialmente no domínio da sexualidade. Meu propósito é assinalar os planos de exterioridade e interioridade que podem estruturar a produção de um ato de linguagem. Refiro-me, especificamente no caso dessa investigação, às marcas lingüísticas que delineiam as não coincidências entre os domínios público e privado da enunciação de si enquanto sujeito conectado a uma prática homossexual.

Como material de análise, tomo a carta transcrita a seguir, datada de 10 de agosto de 1981.

Ao Grupo Somos

Escrevo-lhes mais uma vez pra me auxiliarem.

Escrevi-lhes pela primeira vez, acho que, em abril, e no mês passado (julho) mandaram-me uma carta com um jornal.

Mas, nas minhas mãos não chegaram. É que meus pais pegaram, abriram e descobriram a minha "homossexualidade". Lá dentro (eles me falaram sem a menor vergonha na minha frente) estava escrito que um rapaz me escreveu dando os seus caracteres e continha também um jornal: fiquei triste por 2 motivos:

1º de não saber quem escreveu

2º De eles descobrirem

Por favor: se desse, pedir p'ra ele me escrever de novo rapidamente pois, agora não tem perigo e rápido, pois, pretendo fugir com um cara dia 20 pro Rio. Esse cara eu não gosto dele e adoraria ficar em São Paulo com alguém que me queira. Em casa não dá mais.

Com respeito à análise a ser desenvolvida neste artigo, atendo-me sobretudo à seqüência de enunciado que parece conter o ponto nodal do processo de significação que se manifesta aqui.

- 1) É que meus pais pegaram, abriram e descobriram a minha "homossexualidade".

Quero ressaltar a ocorrência das aspas como marcação do modo de dizer a palavra *homossexualidade*. O uso desse sinal gráfico representa, neste recorte de enunciado, um particular jogo de sentido que pode ser tomado como uma pista para a compreensão do processo discursivo que funciona nesta missiva relativamente ao campo de questões em foco neste trabalho.

Para pensar o fato enunciativo que me intriga no trecho destacado, guio-me pelo estudo de Authier (1980), que apresenta dois modos de definir a função das aspas no interior de um texto. Numa primeira acepção, segundo Authier, a colocação das aspas indica que o enunciador faz 'menção' e não 'uso' da palavra. Em (exemplos da autora):

- 2) Ele disse: "*I don't mind*".
- 3) A palavra "*caridade*" tem três sílabas.

O que se ressalta é o estatuto autonímico da palavra entre aspas. Segundo a autora, "... o elemento autonímico constitui, no enunciado em que aparece, um corpo estranho, um objeto 'mostrado' ao receptor; neste sentido pode-se considerar as palavras entre aspas como 'tomadas à distância' " (ibid.; p. 127).

Pode-se então supor que o enunciador da carta em questão produziu um distanciamento entre ele próprio e a palavra *homossexualidade* mencionada entre aspas em sua escritura. Importa saber para que direção de sentido aponta este efeito de distanciamento. Para chegar a esta resposta, é necessário ainda considerar outros elementos envolvidos no uso das aspas.

O segundo modo de conceber a função das aspas, observa-se, segundo Authier, no uso das palavras como conotação de menção. No exemplo:

- 4) Nós nos contentaremos provisoriamente com esta "*definição*".

A autora distingue a justaposição das cadeias do uso e da menção, como nos dois exemplos anteriores 2) e 3), do uso simultaneamente duplicado, acompanhado de menção. Esta função combina, nos termos de Authier, duas estruturas complexas – a da conotação e a da autonímia –, na medida em que pode operar sob dois modos – discurso indireto livre e marcação pelas aspas. É sob esta última modalidade que se pode reconhecer, nas aspas sobre a palavra do enunciado recortado, a conotação autonímica. Isso equivale a dizer que esse sinal está conotando aqui um corte entre o sujeito que fala e a palavra que emprega: no caso, *homossexualidade*.

Authier aponta as aspas como o traço de uma operação metalingüística local de tomada de distância, a que designa uma palavra como "objeto, o lugar de

uma suspensão da responsabilidade". Tal suspensão produz um vácuo a ser preenchido, reclama uma interpretação, ou, ao menos, uma glosa.

Distanciamento e suspensão da responsabilidade, tem-se nesse fenômeno provavelmente o funcionamento fundamental que se pode depreender da menção entre aspas do termo *homossexualidade*. O objeto que o enunciador refere a si como propriedade é revestido de significação por atribuição exterior. Desse modo, a posição do enunciador da carta seria a da não responsabilidade pelo termo que menciona.

Por este efeito de distanciamento, ao mesmo tempo que afasta de si a responsabilidade pela palavra mencionada, o enunciador constrói, no curso da enunciação, um lugar em que pode simular um controle sobre a palavra. Na concepção de Authier, isso se explica pelo fato de que as aspas põem a palavra sob vigilância, sob controle, o que significa tomar a palavra em um terceiro sentido. Este ato de enunciação opõe-se ao do deixar a palavra livre. Trata-se de não permitir que a palavra escape, como uma espécie de *antilapsus*.

Certamente são determinadas redes de sentidos que a palavra entre aspas não deixa capturar. Cabe perguntar que sentidos mantém-se aqui sob controle na menção do termo *homossexualidade*.

É interessante lembrar que a palavra *homossexualidade* tem uma história que localiza seu aparecimento no domínio da medicina, onde seus sentidos estão associados à idéia de doença. Correlativamente, no campo discursivo da moral e dos costumes, encontra-se termos pejorativamente associados à expressão com os quais se procura designar uma patologia – desvio sexual, pederastia, inversão. Como reação a essas ordens de designação e acepção, a mesma palavra é subsumida pelo campo das ciências humanas para designar, sob a égide da neutralidade científica, a designação conceitual dos atos sexuais entre indivíduos do mesmo sexo.

Daf ocorre que, no âmbito político-social, no qual mobilizam-se os sujeitos envolvidos nesta prática, a palavra reclame reconhecimento e legitimação desta mesma prática que ela designa. Considerando que é neste âmbito que se constitui o campo enunciativo da afirmação homossexual, em que o destinatário dos relatos pessoais é o Grupo Somos, ao destacar, na carta em análise, a palavra *homossexualidade*, o enunciador declara ao seu destinatário com que valor espera que a referida palavra seja e não seja compreendida.

Não se trata de um valor polêmico de sentido. Authier mostra que esta situação enunciativa de distanciamento pelas aspas pode ser glosada nos seguintes termos: "eu digo esta palavra, mas não como eu digo as outras, porque eu a digo do modo como X diz". Na expressão "digo não como as outras", de acordo com o quadro de condições de produção relativo à carta, mostra mais o afastamento dos sentidos não desejados, os que indiciam, no discurso do outro, a negação e não a afirmação do sujeito das práticas que a palavra designa.

Cabe lembrar as outras formas perturbadoras de dizer a mesma palavra, que no campo discursivo da afirmação homossexual tem seus sentidos apagados pela saturação do uso no espaço mesmo dos discursos de afirmação. Termos como 'bicha', 'fanchona', 'maricona', 'viado' designam antes de tudo a pluralidade atribuída das *homossexualidades* e, conforme a investigação de Nestor Perlongher (1987), entram num modelo classificatório de nomenclaturas que expressam modelos de relações – igualitário (*gay/gay*) ou hierárquico (*bicha/macho*) –, bem como, na expressão de Perlongher, “o multiformismo das condutas e das representações”, fazendo pensar antes numa ‘carnavalização’ à Bakhtine, do que numa ‘construção de identidade’ da “minoría desviante”.

Mas os sentidos apreendidos por Perlongher situam-se mais à margem do campo correlato aos discursos de afirmação homossexual. Nesta região de mais intensa exterioridade relativamente à que está em foco em meu trabalho, as modalidades enunciativas de referência a si têm menos a ver com um processo linear e unívoco de identificação do que com uma estratégia de demarcação territorial e enquanto recurso propiciador dos encontros desejantes. De qualquer modo, esta é uma discussão que mereceria um tratamento mais aprofundado não possível no horizonte deste trabalho.

A passagem, entretanto, por esta forma de abordagem, torna mais clara a percepção de que a enunciação de si elaborada na carta cruza, na contra-mão do processo discursivo em questão, com o que se propõe no espaço público da política da afirmação homossexual. Ou seja, aí a subjetividade reivindicada não se conecta diretamente com a prática sexual, mas com as prerrogativas das posições de cidadania. Daí decorre a forma do sujeito de direito que demanda a referência a um campo unívoco em que estão legitimadas as posições para falar. Assim é que retomando o segmento da glosa mencionada anteriormente, na sua parte explicativa – “porque eu digo do modo como X diz” – é a própria perspectiva do destinatário que o enunciador reafirma.

Até aqui estes modos de distanciamento destacam as formas de suspensão da responsabilidade do enunciador em relação às palavras que menciona. Para todos os efeitos, é o caráter de adequação da palavra que está em jogo no espaço discursivo em que aparece. Neste caso, as aspas indicam que a expressão está emigrando de um outro discurso.

Authier assinala que o estatuto de não adequação da palavra entre aspas pode ser o lugar marcado pela falta. Ou seja, ao empregar este sinal o enunciador alerta o destinatário dizendo algo como: “esta palavra não convém, mas eu a digo assim mesmo”, ou “eu a digo, se bem que não convenha”. É sobre a dimensão negativa que recai esta forma de abordar o uso das aspas. Isso significa dizer que não se responsabilizar pela palavra é negá-la.

Mas as aspas podem adotar uma função positiva. Tratar-se-ia, segundo Authier, de imputar ao enunciador uma posição de “domínio das palavras”, na qual, por um lado, ele se mostra como responsável pelas outras palavras não ditas entre aspas e, por outro lado, sinaliza que sabe qual o domínio pertinente à palavra colocada em suspenso.

Neste sentido, outro modo de distanciamento entre o enunciador e as palavras que utiliza é aquele em que as expressões entre aspas são assinaladas como “deslocadas”, “fora de lugar”, pertencente a outro discurso. No caso do emprego da palavra *homossexualidade* localizado na carta em análise, as aspas, vistas aqui na perspectiva de Authier, remetem a palavra à margem do código. Historicamente, diz a autora, “... a evolução das aspas sobre um elemento lexical é um sinal da evolução de seu estatuto relativamente ao código comum” (ibid.; p. 132).

Fica claro que uma coisa é considerar as aspas como marca de uma falta, outra é tomar o uso dela como indicação do domínio da palavra pelo enunciador. No primeiro, o distanciamento produz um efeito de não-responsabilidade (não sou eu que digo X) e no segundo um efeito de saber, em que o enunciador sugere estar consciente de que a aceção da palavra está em outro discurso próprio dela. Este é o sentido do que Authier assinala como lançar a palavra para as margens do código partilhado pelos interlocutores.

As aspas podem também manifestar “uma espécie de narcisismo ofensivo”, na constituição de uma imagem de si através das diferenciações nas palavras, cuja glosa seria: “eu sou irredutível às palavras que eu emprego”. Esta modalidade definida por Authier parece-me interessante como hipótese, no caso da palavra em questão, se arrolarmos a estrutura sintática em que figura o item lexical *homossexualidade*. A função em que a palavra apresenta-se aí é de objeto direto, fato gramatical pelo qual, num enunciado emitido em primeira pessoa, o enunciador pode operar, em sua enunciação, uma disjunção entre o sujeito que fala e o objeto do qual fala. Daí que em “descobriram a minha ‘homossexualidade’”, não há coincidência entre o sujeito que se designa pelo possessivo de primeira pessoa e a unidade lexical que preenche a referencialidade do pronome. Em síntese, as aspas podem estar apontando aqui uma forma de não coincidência entre o sujeito e a palavra.

A este propósito, Authier recorre a Bourdieu (1979) para pensar as aspas como uma estratégia de enunciação em que o enunciador produz em sua fala uma instância de intimidade. Tem-se nesta perspectiva um sinal de distinção que permite àquele que enuncia “distinguir-se” num dos mais íntimos tipos de marcadores: as palavras.

Um marcador particular de distinção é apontado por Authier como as aspas de ‘condescendência’. A autora reporta-se aos exemplos de discursos de aparência científica, em que registrar uma palavra através de aspas é assinalá-la

como apropriada ao destinatário, mas não ao enunciador – é como lembrar “se eu não lhes falasse, eu não diria esta palavra”. Pensando na relação interlocutiva estabelecida com o Grupo Somos, o remetente pode estar ressaltando, por meio das aspas, que o item lexical *homossexualidade* aloja-se no campo semântico já pressuposto no discurso do destinatário. Resta refletir se a idéia de ‘condescendência’ caberia a este jogo de interlocução, em que, na forma da confidência, as palavras são tomadas numa linhagem semântica de reciprocidade.

Se levado em conta, porém, que o recorte em análise inclui uma posição enunciativa terceira, a da negação da afirmação homossexual, função recoberta pela figura dos pais, podemos compreender aqui que a *condescendência* tem correlação com esta posição de sujeito. Deste modo, as aspas indicariam que a palavra mencionada não é apropriada a este discurso, que tem sua representação na fala dos pais, manifestada na forma do discurso relatado entre parêntesis:

5) Lá dentro (eles me falaram sem a menor vergonha na minha frente)

O sinal de parêntesis e a forma de discurso indireto da seqüência circunscrita nele permite demarcar o limite entre duas regiões enunciativas, produzindo o efeito do fora e do dentro: respectivamente o contexto da carta e o contexto da conversa familiar. Marca-se a fronteira entre uma forma marginal de privado e outra já institucionalmente estabelecida, determinando ainda o lugar constituído para falar de si. Formula-se uma espécie de ética discursiva que define, neste caso, o que pode e não pode ser dito, uma vez interpelado em certa posição de sujeito.

Há na forma lingüística de 5), a acentuação de um estranhamento, a confrontação com um dizer inesperado, relativamente ao espaço discursivo em que aparece. Vê-se aqui uma indicação mais explícita do funcionamento das aspas na palavra *homossexualidade*. Elas marcam nesta palavra o sentido do que se diz “entre dois”, não se admitindo a intromissão de um terceiro. Eis um modo singular de materialização do sentido da interdição. Pressupõe-se o princípio de uma ordem discursiva, segundo os termos de Foucault (1971): “Um lugar para cada discurso e cada discurso em seu lugar”.

Neste ponto, é importante salientar o que há de fundamental em termos do funcionamento discursivo das aspas. Este sinal, diz Authier, “se faz sobre a extremidade de um discurso”. Isso equivale a dizer que as aspas marcam o encontro com um discurso outro; através delas é que o discurso constitui-se em relação a um outro exterior. Assim, segundo a autora, as aspas alojam-se no interior de um discurso como eco, o índice do lugar onde o discurso entra em contato com o que está fora dele. É assim que esta espécie de sinal opera sobre a extremidade.

As aspas manifestam que para o locutor há uma borda, que localiza um exterior em relação ao qual se constitui para ele, locutor, um interior, seu discurso próprio, no qual ele se reconhece. A zona onde operam as aspas, que estabelece este exterior e este interior é uma zona de equilíbrio *instável*, de tensão, de compromisso em que se jogam a identidade do locutor e sua relação com o mundo exterior (Authier, 1984; p. 135).

As considerações da autora nos levam à percepção do que está em jogo nesta carta enquanto um correlato discursivo do campo no qual se insere. Paraphraseando Authier, diríamos que, ao aparecer aqui entre aspas, a palavra *homossexualidade* denuncia uma região enunciativa de tensão e instabilidade, onde se põe em questão a construção da intimidade do enunciador.

Decorre daí que a colocação em suspenso da palavra em foco – *homossexualidade* – expõe uma problemática de delimitação de planos enunciativos: para falar de si como sujeito homossexual, busca-se o limite extremo do dentro e do fora.

Os resultados a que pude chegar, a partir da análise precedente, giram em torno de uma mesma questão: a elaboração de um lugar discursivo para expor a si como sujeito da prática homossexual. O trabalho sobre o inventário de alguns dos empregos das aspas sobre a palavra *homossexualidade* revelou a produtividade do agenciamento da linguagem – a saber, as possibilidades de subjetivação articulada a uma particular experiência de intimidade.

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUS, Jacqueline (1984). Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages*. (73): 98-111.
- (1980). Paroles tenues a distance. In: ———, *Materialités discursives*. Nanterre, Université de Paris 10.
- FOUCAULT, Michel (1971). *L'ordre du discours*. Paris, Gallimard.
- MACRAE, Edward (1990). *A construção da igualdade, identidade sexual e política no Brasil da Abertura*. Campinas, ed. Unicamp.
- PERLONGHER, Nestor (1988). Territórios marginais. *Papéis avulsos*, 6. Rio de Janeiro, CIEC, UFRJ.